

“Morte aos árabes”: a violência racializada sempre definiu Israel

Via [International Viewpoint](#)

Durante os motins racistas anti-palestinos que se seguiram em Jerusalém na semana passada, um manifestante foi entrevistado por um jornalista a respeito da abordagem, especificamente, da linguagem utilizada pelas multidões enfurecidas.

O jornalista perguntou ao jovem manifestante se as frases empregadas pelos manifestantes, frases como “Queimar as aldeias árabes” e “Morte aos árabes”, os representavam e sua presença no protesto.

Em resposta, ela disse: “Digo isto de forma bem educada e apropriada. Não digo ‘vamos queimar suas aldeias’, digo que ‘eles devem sair e nós assumimos suas terras’”, ela sorri “...exatamente o que fazemos na Cidade Velha”.

Há muita coisa para desembrulhar nesta resposta reveladora. Em primeiro lugar, as atitudes coloniais que existem dentro de todas as camadas da sociedade israelense, não simplesmente o governo ou os militares. Mas também, as formas pelas quais as comunidades de colonos normalizaram a violência racial e a perpétua limpeza étnica – o que alguns chamam de Nakba em andamento – que seus assentamentos sempre crescentes têm exigido.

A violência dos colonos

A violência dos colonos é tão antiga quanto Israel e age diariamente como uma ameaça iminente aos palestinos, enraizada no direito dos colonos europeus à terra palestina. De fato, durante a Nakba, a expulsão em massa original de 750.000

palestinos para criar espaço para o Estado judaico foi materializada não apenas pelas forças sionistas, mas por colonos que prometeram substituir a população nativa, construindo casas sobre as ruínas dos exilados e protegidas pelo regime sionista em desenvolvimento e pelo governo britânico antes deles.

Atualmente, há pelo menos 600.000 colonos israelenses vivendo em assentamentos ilegais na Cisjordânia Palestina ocupada, bem como em Jerusalém Oriental, em contravenção direta com o direito internacional.

Independentemente de sua presença ilegal na Cisjordânia e em Jerusalém Oriental, a violência desonesta e extremista que muitos desses colonos produzem não só é fortemente protegida pelo Estado e pelas forças de segurança israelenses, mas o Estado depende da presença desses colonos para consumir indiretamente mais terras na Cisjordânia ocupada e em Jerusalém Oriental sem consequências.

Muitos relatórios documentam que o exército ou a polícia protegem e ajudam os colonos em seus ataques contra os palestinos. Muitos palestinos, incluindo crianças em jogo, foram presos e encarcerados pelas forças israelenses para atender às necessidades daqueles que residem nesses postos ilegais.

A organização israelense de direitos humanos, Yesh Den, registrou 1.293 casos de violência de colonos entre os anos de 2005 e 2019. Desses incidentes, apenas 8% das investigações resultaram em acusações criminais contra o colono infrator.

Poucos dias depois de multidões extremistas revoltadas em Jerusalém, um grupo de três colonos judeus extremistas atacou e hospitalizou Ibrahim Hamdoun, pastor de 66 anos de idade, enquanto ele pastoreava o rebanho em suas terras em Jenin, na Cisjordânia.

Um reflexo da sociedade israelense

Se isto nos deve ensinar alguma coisa, é que a violência colonial dos colonos, e a do Estado, é parte integrante da sociedade israelense como um todo. Estas conexões entre todas as seitas da violência sionista são verificadas em uma pesquisa de opinião pública de 2019 conduzida pelo Instituto de Estudos de Segurança Nacional que concluiu que 70% dos israelenses pesquisados acreditam que os valores das Forças de Defesa de Israel (IDF) estão de fato alinhados com os valores da sociedade israelense como um todo.

Mesmo que os israelenses optem por uma abordagem de expansão e anexação dos assentamentos, eles continuarão participando e se beneficiando da limpeza étnica de Jerusalém e do resto da Palestina histórica, através de despejos, demolições de casas, a negação racista de licenças de construção e, como testemunhamos esta semana, violência física e intimidação.